

Diálogo imaginário entre Freud e Bion: um exercício lúdico e criativo¹

GILLA MARIA JACOBUS BASTOS

O presente trabalho tem por objetivo exercitar as ideias de Bion através da criação imaginária de um diálogo dele com Freud para desenvolver o pensamento crítico e criativo sobre os ensinamentos psicanalíticos na formação do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul, a partir do conceito de aprender com a experiência. Isto é, sentindo os conceitos aprendidos durante a formação construindo uma interlocução de saberes, não configurando assim uma *decoreba*.

Então, imaginei uma conversa on-line entre esses autores nos dias atuais. Em plena Pandemia e precisando dos recursos tecnológicos para trocarmos ideias.

Para mim foi prazeroso construir esse diálogo, essa brincadeira e espero que a experiência para o grupo também seja. Afinal mesmo distantes fisicamente devido a Pandemia de coronavírus a experiência emocional da presente Jornada pode ser rica nessa manhã de sábado, início do outono aqui no Rio Grande do Sul. Convido a todos e todas para imaginar também esse encontro.

Freud enviou um WhatsApp para Bion com a seguinte mensagem:

“Prezado Bion, tenho acompanhado através de terceiros os seus trabalhos sobre psicanálise. Gostaria de conversar um pouco sobre as suas ideias. Podemos fazer uma chamada pela plataforma Zoom?”

Bion responde que sim. Assim marcaram o encontro virtual, Freud passou o link de acesso através do whats.

Na data estabelecida Freud abre a sala e espera Bion entrar. A seguir a reunião dialogada.

Freud: Boa tarde Bion, está me escutando bem?

Bion: Boa tarde, Freud. Ouço perfeitamente. Finalmente conseguimos nos encontrar! Como está o senhor?

Freud: Bela oportunidade para trocarmos ideias, mesmo que via Zoom. Na Pandemia da gripe espanhola e na guerra não tínhamos essa disponibilidade. Trabalhei sozinho. Agora estou aqui já idoso e com meu maxilar mecânico que me dá trabalho. Mas sabes que prefiro ele do que a extinção!

¹ Trabalho apresentado em Jornada de Estudos do Círculo Psicanalítico do RS em 20 de março de 2021, na modalidade on-line.

Bion: Naturalmente mestre. As dores estão conosco sempre, sejam elas físicas ou da alma. As turbulências emocionais nos fazem crescer, pois expandem a nossa capacidade mental. Obrigam a criarmos formas novas para lidar com os problemas da vida. Aprender novas formas de comunicação como a parafernália tecnológica hoje.

Freud: Sei disso, no princípio do Nirvana, temos a inércia, morte e o fim. O paraíso é acomodação. Pelo princípio da constância da natureza o objetivo é o fim. Sem movimento, sem vida. O aparelho psíquico é feito para o equilíbrio entre prazer/desprazer através do movimento.

Bion: A propósito disso e tendo aprendido com sua obra, penso que a psicanálise precisa dessa inquietude, para não morrer.

Freud: Desenvolva essa ideia meu caro, parece que falamos da mesma coisa, sob formas diferentes. Vida para mim é movimento de defesas para lidar com a pulsão de morte silenciosa, a angústia de morte. O aparelho psíquico se movimenta para buscar ligação. Se parar tal movimento estaria condenado a morte psíquica. Então é pulsional.

Bion: Baseado no princípio físico quântico, cito Heisenberg, teoria da incerteza de que tudo está em constante expansão, nada é fechado em si, então cada paciente nos oferece essa oportunidade de ampliar nossos conhecimentos sobre a mente. Criaste a psicanálise a partir da falta de entendimento científico sobre as manifestações psíquicas no corpo na histeria. Resgataste do obscurantismo o que a ciência da época não aceitava. Certo?

Freud: Minha curiosidade não me permitiu ver mulheres sofrendo e deixar de escutá-las. Interagir com elas.

Bion: Justamente, nesse ponto me concentro. Escutar o que está desconhecido. Não pensado. Não nomeado. Está disperso no psiquismo e corpo. Explorar essa troca do não saber. Lançar uma luz na escuridão. Sob o risco de não entendermos o terreno a ser expandido.

Freud: Descobri a mente inconsciente, essa é a verdade do sujeito.

Bion: A verdade estava soterrada, sob o falso. Os sintomas, pistas ou ruínas da experiência congelada, reprimida, não pensada.

Freud: Sim, para mim o sintoma é o símbolo, a representação do que não foi permitido ser sentido na infância porque o eu estava incapaz de reconhecer, dar um

destino as emoções correspondentes a posteriori. Havia fantasias condensadas de desejo e medo. Então ficaram reprimidas no inconsciente e só a ponta do iceberg apareceu – o sintoma. Mas ele é pista, a entrada para exploração do inconsciente.

Bion: Sim, o que não poderia ser comunicado, aparecia convertido no corpo como paralisação do braço, a cegueira, o vômito, a náusea. A concepção falsa, o mito, a transformação em alucinação correspondem à verdade que não poderia ser dita e reconhecida porque estava no âmbito do terror sem nome. Ignorada. A dor estava sem representação sendo a experiência pura, sem símbolo. Mas a mãe continence ao oferecer sua mente para nomear o que estava se passando na experiência, oferece a função alfa e possibilita o pensar para o bebê conteúdo. No tratamento, o analista faria esse trabalho. Pensaria o que o paciente está narrando, revivendo a experiência no aqui e agora, no campo, na transferência e ressignificando através da dupla terapêutica as turbulências emocionais e experiências sem nomeação, sua experiência catastrófica.

Freud: É arriscado para eu reconhecer a contratransferência como experiência, o senhor sabe disso. Podem ser conteúdos não analisados do analista interferindo no entendimento sobre o caso. Muito arriscado. Mas parece que outros analistas já estão trazendo essa percepção. De que a contratransferência pode ser uma ferramenta para o analista.

Bion: Sim, a Paula Heimann e H. Racker. A partir desses estudos, eu só consigo entender o atendimento como um campo que se forma em cada sessão. A dupla analista/paciente cria esse espaço no tempo transitando pelas experiências de ambos, para formar concepções verdadeiras emocionalmente, em vez de preconcepções em busca de realizações ocas e conseqüentemente concepções falsas. Incapacitando o pensamento e a expansão do inconsciente, o infinito no caso. Assim temos o negativo do conhecimento de si, a patologia do pensar.

Freud: O que me interessou sempre foi buscar na história dos pacientes vivências (traumas) marcadas por sofrimentos que aprisionaram o desenvolvimento de afetos de vida. Quando um fato interrompe o desenvolvimento fixam-se pulsões parciais e impedem o amadurecimento emocional.

Bion: Colocas no corpo através da pulsão o caminho para chegar ao objeto. Eu prefiro chamar de pensamento onde há pulsão para o senhor.

Freud: O objeto revela a pulsão, mas explique melhor...

Bion: O bebê humano, viria com a concepção do seio...uma expectativa filogenética, como um mamífero que busca ou espera ter nutrição. Quando o seio se apresenta registra uma experiência positiva, acontece realização seguida pela concepção de gratificação. Porém quando for realização negativa, o não seio, cria-se espaço, algo para preencher a frustração: início do pensamento, a alucinação do seio por exemplo. Pensamento surge da frustração, possibilitando a criação. Porém, se realização for negativa em excesso a concepção fica falseada, o K (-). Porque sem função alfa, capacidade da mãe de emprestar sua mente ao bebê, o terror sem nome que surge pelo sentimento de morte iminente torna-se a ameaça ao pensar, impregnando o aparelho pensante, bloqueando essa capacidade criativa. Entra a saturação pela outra mente, o falso, o mito.

Freud: O que chamei de retirada da libido da realidade, as alucinações na psicose ou neuroses narcísicas...

Bion: Parte psicótica e não psicótica da personalidade para mim. Penso a personalidade de forma espectral, funcionando em alfa, tendo a barreira de contato com a realidade e por vezes com objetos bizarros decorrentes dos elementos Beta, distante da realidade evacuados através de somatizações, atuações. Falhas do pensamento.

Freud: Interessante sua teoria do pensar. Acrescenta o pensamento como processo elaborado, complexo e fruto da relação entre continente e conteúdo. Das primeiras experiências de vida.

Bion: Exatamente, o que o senhor chamou de ação específico no Projeto (1895). Assim começaria o pensamento. Aqui nos aproximamos. Já o princípio da complexidade e da incerteza coloca a psicanálise como implicada e não explicada. Uma vez que a dupla está interagindo no campo formado na sessão. Ampliando o infinito da verdade, mas sempre em busca mais próxima do que o sujeito é. Da sua verdade. Transformações em O.

Freud: A psicanálise busca a verdade. Resgatada pela memória. Uma narrativa de vida. Desfazendo fantasias criadas pela fixação da pulsão com experiências dolorosas.

Bion: Seu objeto psicanalítico Freud, é o superego. O herdeiro do complexo de Édipo. Te centras nas fixações pulsionais carregadas de fantasias sobre o desejo de incesto e parricida. Para mim o objeto psicanalítico consiste na concepção

(crenças), em busca de realização que darão origem a concepção (pensamento), passando pelo aprender com a experiência para gerar a criatividade. Decorre deste movimento o espectro com vínculos: amor (L), ódio (H) e sede do saber (K). Sempre em dois polos: positivo ou negativo. Conforme o espiral formado pelas experiências emocionais. Do terror sem nome ao Pensamento dedutivo-científico. Até elaborei uma Grade para entendermos o movimento do pensamento.

Freud: Nossas ideias se encontram sem dúvida no trabalho da narrativa, verdade sobre si, os complexos e conflitos de vida e morte. Isso já me basta por enquanto. Por hoje encerramos.

Bion: Creio ter sido um encontro criativo, imaginativo e um reverie. Da próxima vez poderíamos conversar sobre sonhos! O que o senhor acha?

Freud: Nossa conversa de hoje já foi suficiente para perceber a psicanálise no futuro. Sonhos é algo muito caro para mim, marcaremos. Felizmente a internet não travou, que criação maravilhosa do homem! Pois possibilitou o nosso encontro. Antes dela, na pandemia da gripe espanhola e a guerra, por exemplo, fiquei isolado com meus pensamentos.

Bion: Mas criaste diante da realização negativa. Tiveste espaço para o pensamento.

Assim, os autores na minha imaginação despediram-se desse breve encontro. Assuntos não faltarão para o próximo encontro.

REFERÊNCIAS

BION, W. *O aprender com a experiência*. Imago: Rio de Janeiro, 2003.

CHUSTER, A. e colaboradores. *O objeto psicanalítico: fundamentos de uma mudança de paradigma em psicanálise*. Porto Alegre: Do autor, 2011.

FREUD, S. Projeto para psicologia científica (1895). *Edição standard brasileira das obras completas*, vol. 1. Imago: Rio de Janeiro, 1977.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). *Obras completas*, vol. 6. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. Além do princípio do prazer (1920). *Obras completas*, vol. 14. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. O eu e o Id (1924). *Obras completas*, vol. 16. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. Totem e tabu (1913-1914). *Obras completas*, vol. 11. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HEIMANN, P. (1950). On counter-transference. *J. Psycho-Anal.* 31.

_____ (1960). Counter-transference. *J. Med. Psychol.*, 33(9), 15J.

RACKER, H: *Técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

VIERECK, G. S. O valor da vida. *IDE*, São Paulo, v. 15, p. 54-58, 1998.

ZIMERMAN, D. E. *Bion da teoria à prática*. Uma leitura didática. Artmed, 2004.